



## ARTIGO

 <https://doi.org/10.47207/rbem.v4i01.17191>

# Educação Matemática na Bahia: contribuições da professora Adelaide Reis Mendonça

**DINIZ, Ivanise Gomes Arcanjo**

Secretaria da Educação (SEC – Bahia). Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS).  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4427-8528>. E-mail: [ivanisegomesster1@gmail.com](mailto:ivanisegomesster1@gmail.com)

**FERREIRA, Joubert Lima**

Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4610-4740>. E-mail: [joubert.ferreira@ufob.edu.br](mailto:joubert.ferreira@ufob.edu.br)

**DINIZ, Leandro do Nascimento**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Doutor em Ciências da Educação (UM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5583-9001>. E-mail: [leandro@ufrb.edu.br](mailto:leandro@ufrb.edu.br)

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de apresentar as contribuições da professora Adelaide Reis Mendonça para a Educação Matemática no Estado da Bahia, tanto por suas ações e intervenções como educadora matemática no ensino superior quanto para o Encontro Baiano de Educação Matemática (EBEM) dos anos de 1986, 1987 e 1989. Para tal, foram realizadas entrevistas com a referida professora. A partir de uma abordagem histórica atrelada aos conhecimentos da História da Educação e da História da Educação Matemática, consideraremos o tempo e o espaço vivenciados por esta professora, perpassando pela sua trajetória pessoal e profissional, saberes e práticas profissionais constituídos de suas experiências como professora atuando no colegial e nos cursos de licenciatura em Matemática e formação continuada para professores, além de abordar o seu processo de profissionalização docente. Dessa forma, entendemos que este artigo pode contribuir significativamente para o entendimento da História da Educação Matemática baiana e suas perspectivas para resultados de futuras pesquisas no âmbito do ensino e formação de professores de matemática no estado, considerando o EBEM como um divisor de águas nesse processo.

**Palavras-chave:** Educação Matemática. Bahia. Professora. Adelaide Mendonça.

## Mathematics Education in Bahia: contributions from professor Adelaide Reis Mendonça

**Abstract:** This article aims to present the contributions of Professor Adelaide Reis Mendonça to Mathematics Education in the state of Bahia, both through her actions and interventions as a mathematics educator in higher education and for the *Encontro Baiano de Educação Matemática* (EBEM) in the years 1986, 1987, and 1989. For this purpose, interviews were conducted with the aforementioned professor. Using a historical approach linked to the knowledge of the History of Education and the History of Mathematics Education, we will consider the time and space experienced by this professor, covering her personal and professional trajectory, knowledge and professional practices constituted by her experiences as a teacher in high school and in mathematics teacher training courses and continuing education for teachers, as well as addressing her teacher



professionalization process. In this way, we understand that this article can contribute significantly to the understanding of the history of mathematics education in Bahia and its perspectives for future research outcomes in the context of mathematics teaching and teacher training in the state, considering the EBEM as a watershed in this process.

**Keywords:** Mathematics Education. Bahia. Professor. Adelaide Mendonça.

## **Educación Matemática en Bahía: contribuciones de la profesora Adelaide Reis Mendonça**

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo presentar las contribuciones de la profesora Adelaide Reis Mendonça a la Educación Matemática en el estado de Bahía, tanto por sus acciones e intervenciones como educadora matemática en la educación superior como para el Encuentro Baiano de Educación Matemática (EBEM) de los años 1986, 1987 y 1989. Para ello, se realizaron entrevistas con la mencionada profesora. A partir de un enfoque histórico vinculado al conocimiento de la Historia de la Educación y la Historia de la Educación Matemática, consideraremos el tiempo y el espacio vividos por esta profesora, abarcando su trayectoria personal y profesional, conocimientos y prácticas profesionales constituidos por sus experiencias como profesora que trabaja en la educación media y en los cursos de licenciatura en Matemáticas y formación continua para profesores, además de abordar su proceso de profesionalización docente. De esta manera, entendemos que este artículo puede contribuir significativamente a la comprensión de la historia de la educación matemática en Bahía y sus perspectivas para los resultados de futuras investigaciones en el ámbito de la enseñanza y formación de profesores de matemáticas en el estado, considerando el EBEM como un punto de inflexión en este proceso.

**Palavras-Clave:** Educación Matemática. Bahia. Profesora. Adelaide Mendonça.

### **Introdução**

O interesse pela história da professora Adelaide Reis Mendonça cruza-se com a pesquisa de doutorado da primeira autora deste artigo, intitulada “História dos cursos técnicos dos Centros Integrados de Educação na Bahia: matemática, saberes e práticas docentes (1970 – 1982)”. Desde então, a autora se deparou com a história de vida de muitas professoras que estiveram diretamente relacionadas ou não aos Centros Integrados de Educação (CIE)<sup>1</sup>, tanto na capital como no interior baiano. Entre esses locais, destacamos para este artigo a cidade de Salvador.

Ao realizarmos as entrevistas, conhecemos um pouco das vivências e experiências pessoais e profissionais da professora Adelaide Reis Mendonça e, com isso, tomamos conhecimento que, embora não tenha lecionado nos CIE, foi professora dos alunos estagiários

<sup>1</sup> Conjunto de escolas criadas pelo Governo do Estado da Bahia a partir de 1968, cujo objetivo estava voltado à expansão do ensino médio, como parte das ações do Plano Integrado de Educação e Cultura no governo Luís Vianna Filho (1968-1971).

que atuaram nesta instituição desde meados da década de 1970. Além disso, justifica-se o interesse por este artigo devido à importância da vida profissional da professora Adelaide Mendonça para o movimento de Educação Matemática no Estado da Bahia, tanto por suas ações e intervenções como educadora matemática e no ensino superior (na formação inicial e continuada de professores) como por seu envolvimento e participação na organização dos primeiros Encontros Estaduais (EBEM) e Encontros Nacionais de Educação Matemática (ENEM), e pela sua participação na criação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática. Destaca-se, também, a grande influência da educadora matemática baiana Martha Maria de Souza Dantas em sua trajetória profissional no Ensino Superior.

O primeiro diálogo com a professora Adelaide foi realizado por intermédio de seu ex-aluno, da primeira turma do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Matemática pela Universidade Católica de Salvador, segundo autor deste artigo. Além desse contato, outro momento que despertou nosso interesse em conhecer a história da professora Adelaide foi uma ação organizada e realizada em comemoração ao trigésimo aniversário da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, em 16 de maio de 2018, regional Bahia (SBEM-BA), 1º Colóquio Nacional Martha Dantas, como uma homenagem à professora Martha Dantas (*in memoriam*), umas das precursoras da modernização e de melhorias no ensino da matemática na Bahia e no Brasil. Neste evento, a professora Adelaide não pôde estar presente, mas gravou um depoimento contando a história da sua relação com a professora Martha Dantas e os trabalhos desenvolvidos em parceria com ela. Este colóquio ocorreu devido às contribuições da professora Martha Dantas para a Educação Matemática na Bahia, como o I Congresso Nacional de Ensino de Matemática, ocorrido no ano de 1955. Sua história é um importante marco para o ensino de matemática, sendo reconhecidamente registrada em uma robusta literatura publicada (GOMES; MIORIM, 2015; GOMES, 2016).

Em seu discurso, a professora Adelaide ressaltou a vida e obra de Martha Dantas e sua atuação no EBEM, o que nos despertou o desejo de saber mais sobre ela. Assim, a primeira autora deste artigo convidou-a para uma entrevista com o intuito de conhecer mais sobre sua biografia. Há seis horas e vinte minutos de entrevistas semiabertas, partindo sempre de um roteiro básico, realizadas uma vez por semana, nas quartas-feiras, entre os meses de abril e julho de 2020, em formato *on-line*, via *WhatsApp*, apenas por áudio. De acordo com Fernandes (2011, p. 79), as entrevistas produzem “os relatos orais de atores julgados

significativos para compreender as experiências a serem investigadas”, neste caso, teve-se como interesse a história de vida da professora Adelaide. As oito entrevistas foram gravadas, transcritas, apresentadas à entrevistada e, após o seu consentimento, textualizadas e reencaminhadas à professora Adelaide. Desse modo, com versões históricas sobre o processo de constituição do EBEM na Bahia a partir do depoimento da professora Adelaide, pretendemos contribuir para o desenvolvimento do campo História da Educação Matemática.

Nessa entrevista passamos a falar sobre vários assuntos, desde a sua vida de estudante do colegial ao mestrado em Matemática, passando pelas suas experiências como professora e formadora de professores. Neste contexto, este artigo tem por objetivo apresentar as contribuições da professora Adelaide Reis Mendonça para a Educação Matemática no Estado da Bahia, tanto por suas ações e intervenções como educadora matemática no ensino superior quanto para o Encontro Baiano de Educação Matemática (EBEM) dos anos de 1986, 1987 e 1989. As narrativas da professora Adelaide possibilitaram compreender aspectos da história da Educação Matemática, os quais talvez não pudessem ser analisados se não fossem comunicados através de suas experiências (REALES; CONFORTIN, 2008).

Pesquisas sobre a história da Educação Matemática na Bahia foram desenvolvidas pelo extinto Grupo de Pesquisa História, Matemática e Educação (GHAME) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nesse grupo foram defendidas pesquisas de Mestrado e Doutorado que também apresentaram discussões sobre os processos de modernização da Matemática escolar e profissionalização dos professores e professoras de Matemática, na capital e no interior baiano, bem como as experiências inovadoras desenvolvidas no Centro de Ciências da Bahia (Ceciba), Centros Integrados de Educação e na Escola de Aplicação (FREIRE, 2009; ROCHA, 2013; BERTANI, 2011; SANTANA, 2011; BRAGA, 2012; LANDO, 2012; RIOS, 2012; RAMOS, 2012; FERREIRA, 2013, 2017; DINIZ, 2014; DINIZ, 2021; PINHEIRO, 2017). Contudo, não há registros de outras pesquisas de mestrado e doutorado relacionadas ao processo de implantação e desenvolvimento de atividades referentes ao EBEM na Bahia.

### **Professora Adelaide: vida e história profissional**

Adelaide Mendonça atuou como docente no Departamento II da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) entre os anos de 1976 e 1997.

Professora da área de prática de ensino, dedicava-se às metodologias de ensino e era orientadora de Estágio Supervisionado no curso de licenciatura em Matemática. Seus alunos realizavam a regência em escolas públicas de Salvador. Sobre essa experiência, relembra que era muito exigente com os alunos estagiários e suas aulas eram pautadas em diferentes livros didáticos, entre eles, o material produzido pela equipe de Martha Maria de Souza Dantas e Omar Catunda. Ao ser indagada sobre como trabalhava os conteúdos matemáticos com esses materiais, Adelaide lembrou o conteúdo de geometria euclidiana ao sinalizar que:

O grupo de Martha tinha um foco que era trabalhar Geometria Euclidiana. Só que a abordagem que eles davam era para as transformações geométricas. Então, as transformações geométricas, simetrias, translação, eram transformações trabalhadas no Ensino Fundamental e alguns teoremas, algumas propriedades, eram mostradas a partir das transformações geométricas. Observe que eu não disse demonstradas, porque a demonstração tem um raciocínio mais algébrico, no sentido das propriedades. Tal propriedade apoia o próximo passo da demonstração. (MENDONÇA, 2020, informação verbal)

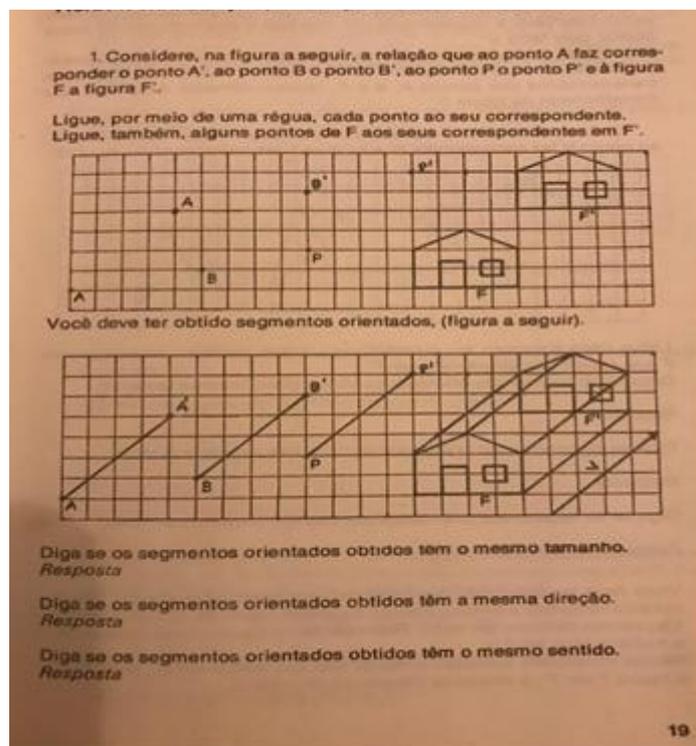
Na Bahia, a geometria das transformações foi apresentada e difundida por Martha Dantas a partir da criação, em 1965, do Centro de Estudos de Ciências da Bahia (CECIBA), cujo setor de matemática estava sob sua coordenação. Esse foi um dos conteúdos introduzidos pela Matemática Moderna nos livros didáticos trabalhados na UFBA, inclusive com a escrita de uma coleção didática para o ginásio e colegial, sendo atualizada, posteriormente, para o ensino de primeiro e segundo graus (SILVA; CAMARGO, 2008).

Interessante notar que a professora Adelaide, ao tratar das transformações geométricas, simetrias e translações, as enfatiza em detrimento da demonstração. As transformações geométricas já eram vislumbradas por autores como Osvaldo Sangiorgi, em 1963, que trazia em sua coleção de livros “a geometria euclidiana e a geometria dedutiva acrescida de novos postulados, que levam o aluno a fazer explorações” (SILVA; CAMARGO, 2008, p. 703), mas apenas no apêndice do livro era apresentada a geometria pelas transformações geométricas. Diferentemente dos propósitos de Martha Dantas, que passou a se aperfeiçoar nos estudos sobre transformações geométricas desde a sua viagem de estudo, realizada em Portugal no ano de 1958, em contato com o matemático Sebastião e Silva, na qual teve acesso ao livro publicado por esse mesmo autor em 1950, intitulado Transformações Geométricas (FREIRE, 2009, p. 90).

De fato, ao analisarmos um dos livros de Martha Dantas que trazia essa geometria e que foi utilizado por Adelaide, não havia ênfase na álgebra, mas nas apresentações de

propriedades, simetrias e translações geométricas, como veremos na figura 01.

Figura 1- Recorte do livro “As transformações geométricas e o ensino da geometria”



Fonte: CATUNDA et al., 1988, p. 19

É possível considerar que os segmentos de reta têm o mesmo tamanho, a mesma direção e o mesmo sentido. Estes segmentos definem, também, um ente geométrico chamado vetor, indicado na figura pela letra “v”, também chamado de translação “v”, e os pontos A', B' e P', que são transformados nos pontos A, B e P respectivamente. A figura F' é a transformada na figura F. Como afirmou Adelaide, o foco do grupo de Martha Dantas era o trabalho com as simetrias e translações, porém, o procedimento utilizado passa a trabalhar com material quadriculado, de modo que esses objetos possam ser prolongados, indefinidamente, em todas as direções, tendo a ideia de ponto introduzida, inicialmente, como a ideia de translação de figuras consideradas como conjuntos de pontos.

Os livros didáticos produzidos pelo grupo de Martha Dantas, apresentados pela professora Adelaide durante as entrevistas, mostravam-se cuidadosamente zelados em seu acervo pessoal. É possível analisar que essa proposta da translação geométrica teve

continuidade na produção dos livros didáticos da equipe de Martha Dantas até a edição dos anos de 1990, sendo apresentada nos livros didáticos de 7ª série do ensino fundamental (hoje 8º ano do ensino fundamental) no ano de 1975, quando os autores Omar Catunda, Martha Dantas, Eliana Costa Nogueira, Norma Coelho de Araújo, Eunice da Conceição Guimarães e Neide Clotilde de Pinho e Souza fizeram as primeiras publicações do livro *Ensino Atualizado da Matemática* (CATUNDA *et al.*, 1975), assim como o desenvolvimento de todas as atividades por fichas, conforme foi apresentado na figura 01. Embora os livros não tenham sido adotados nas escolas dos estados, foram muito utilizados no colégio de aplicação local em que as estudantes do curso de licenciatura em Matemática da UFBA estagiavam com Martha Dantas.

O trabalho com fichas foi mais uma abordagem metodológica apropriada pela professora Adelaide ainda quando estudava na graduação e era aluna de Martha Dantas, na década de 1970. Depois passou a aplicar esse material durante a sua experiência enquanto professora na escola, na universidade e nos cursos de formação de professores, conforme trouxe em sua narrativa:

Nós trabalhamos com esse material de Martha na década de 1970. Já existia no ISBA, já vinha aplicando esse material. Então eu passei por esse processo tanto quanto aluna do curso de Licenciatura, terminei o curso, e trabalhei enquanto professora no ISBA. Isso foi uma coisa que aconteceu. Quando eu estava na Faculdade de Educação, eu fiz um trabalho na escola Arapiraca, aqui na Boca do Rio, uma escola da prefeitura, (...) uma escola pública. E a gente trabalhava mesmo esse material em sala de aula com os alunos, dava orientação aos professores, reunia os professores para apresentar como esse material que estava sendo utilizado. Essa escola não tem mais. (MENDONÇA, 2020, informação verbal)

O trabalho com as fichas, apresentado pela professora Adelaide, perpassa por um saber para ensinar advindo das aulas de didática no curso de licenciatura em Matemática da UFBA com a professora Martha Dantas. Os saberes apreendidos na Universidade foram passados na escola, quando foi professora dos alunos do Instituto Social da Bahia (ISBA), uma escola tradicional da capital baiana; na universidade, quando se tornou professora do curso de licenciatura em Matemática; e na formação continuada para professores que lecionaram na rede pública municipal de ensino. A identidade profissional da professora Adelaide encontrava similaridades com o percurso profissional daquela que foi sua professora na licenciatura, pela qual teve muita admiração – a professora Martha Dantas.

Nos anos em que estive à frente da coordenação do CECIBA, 1965-1969, Martha Dantas passou a introduzir conteúdo da Matemática Moderna no ensino secundário, podendo-

se destacar o uso de uma matemática para ensinar as transformações geométricas e a produção de livros didáticos, publicados no ano de 1971, que propunham: “No conjunto dos inteiros relativos, [definir-se] uma aplicação chamada translação de vetor a que ser considerada no 3º livro, no estudo das transformações na reta real” (DANTAS *et al.*, 1971). Além disso, era proposto em cada um desses livros:

Um estudo dirigido com fichas de trabalho, nos quais o aluno interage com o conhecimento. Enquanto isso nos livros do antigo projeto o ensino de geometria pelas transformações geométricas era feito pela linguagem da teoria dos conjuntos, numa abordagem extremamente formal. (SILVA; CAMARGO, 2008, p. 710)

Na descrição do livro de matemática das autoras Martha Dantas, Eliana Costa Nogueira e Maria Augusta Araújo Moreno, o estudo dirigido e o trabalho com fichas são fatores muito expressivos no saber para ensinar, mas além disso, tem-se em destaque nas narrativas da professora Adelaide a indagação dos conteúdos matemáticos através do uso dos porquês.

O trabalho de fichas começa em 1980. Eu entro na universidade em 1976. Elas [Martha Dantas, Eliana Costa Nogueira, Maria Augusta Araújo Moreno] ainda estão fazendo o material. Existe a concepção de trabalhar de forma diferente, porque a ideia didática daquele período de grupo era a justificativa, os porquês, o aluno ter o conhecimento do porquê ele faz daquela forma. Então isso já começa da década de 1970. Eles escrevem com esta proposta, da resposta aos porquês. “por que faço assim?”, “por que opero dessa forma?” Entendeu? Então, eles já vinham assim, depois eles decidem... Como eu não estou no grupo, eu não sei o que fez eles decidirem mudar a forma de escrever. A elaboração do material didático. Qual foi a diferença? Eles envolveram o aluno. Passaram a trabalhar com o ensino individualizado, o estudo por fichas. O que eu tenho de registro é da década de 1980, acho que 1985, onde o trabalho de fichas já aparece claramente, solicitando ao aluno que faça, porque a ideia era dar uma informação para o aluno executar, dava um tempo para responder e o aluno só ia para a próxima etapa porque o 1 respondia o 2, vamos dizer assim. Então ele só ia para o 2 se terminasse o 1. No 2 ele veria se o que fez no 1 estava ok ou não. Então esse era o trabalho desenvolvido. (MENDONÇA, 2020, informação verbal)

Uma questão importante colocada pela professora Adelaide corresponde ao trabalho com fichas. Por meio deste, havia a possibilidade do acompanhamento sistemático do aluno, pois, se ele não conseguisse chegar à compreensão da questão, o professor era solicitado. As atividades eram realizadas, na maioria das vezes, em duplas e o seu propósito era que o estudante pudesse reconstruir o conhecimento a partir do material que tinha em mãos, sendo introduzidos, assim, os conteúdos matemáticos.

Durante toda a década de 1970 e meados da década de 1980, sua trajetória profissional esteve atrelada à formação inicial e continuada, de forma que a partir dessas experiências emergiu na professora Adelaide o desejo de realizar o I EBEM no ano de 1986, tendo em

vista as muitas inquietações e anseios por melhorias no ensino de matemática, porém, ainda sem saber quais as perspectivas de resultados que poderiam ser alcançadas.

A professora Adelaide já se mostrava muito determinada e resiliente sobre onde gostaria de chegar e o que desejaria fazer. Durante a sua entrevista sobre suas experiências como aluna do ginásial e colegial, tinha muito orgulho de ter sido e continuar se sentindo uma ursulina. Concluiu o ensino secundário (hoje Ensino Médio) em 1969. Foram 11 anos estudando nessa escola. Fez o curso normal, seguindo a mesma formação de sua mãe. Vale ressaltar que este não era um período de ofertas de escolas públicas para o ensino ginásial ou médio e poucas eram as ofertas das escolas particulares. Estas, em grande medida, eram ministradas pela igreja católica, sendo responsáveis pela formação das mulheres e consequentemente pela oferta do curso normal.

Ao falar sobre a escola, Adelaide Mendonça relembrou:

(...) a gente ganhava esse negócio de medalha. Nós éramos colocados em evidência. Aquelas pessoas que se sobressaíam, tanto a nível de disciplina, disciplina que eu digo é obediência, as leis da instituição, quanto ao conhecimento também. Eu sei que era disciplina, religião e aproveitamento. E aí, minha mãe nunca me pediu isso, nunca me falou, mas eu achava que isso era uma coisa boa para mim. Era uma decisão minha, fazia isso mesmo, estudava muito e gostava de estar recebendo minhas medalhas todas. (MENDONÇA, 2020, informação verbal)

A disciplina, a obediência e a determinação ao se esforçar nos desafios para adquirir uma medalha lhe proporcionaram elementos importantes a serem apreendidos sobre não desistir dos desafios e seguir acreditando em seus ideais. Superar suas dificuldades, estabelecer metas e alcançar seus objetivos foram algumas das qualidades estimuladas ao longo do seu contexto escolar.

Após a conclusão do magistério, a professora Adelaide decidiu fazer o curso superior de licenciatura em Matemática, como menciona:

Quando eu estou para sair da escola, eu saio e vou fazer vestibular para Matemática. Do pedagógico (se referindo ao curso normal) e você fazer vestibular de Matemática, era realmente um pulo. Quem tivesse formação do ensino médio tinha mais chances de ir para exatas. As pessoas da UFBA, na área de pedagógica, tinham mais dificuldade de entrar na área de exatas. (MENDONÇA, 2020, informação verbal)

A área pedagógica à qual se refere a professora Adelaide era do curso normal, que para ela tornava-se mais difícil, pois nesse curso não eram ofertadas as disciplinas de Física e Química, e na prova de vestibular, na área de exatas, poderia correr o risco de não acertar nenhuma questão. Assim, conta que pediu ajuda à professora Martha Dantas, a pedido da freira do colégio em que estudou. Na época, segundo a professora Adelaide, “Martha aí já

resolveu me adotar, (...) me apresentou a um outro grupo de professores que tinham pré-vestibular lá na escola politécnica (...)” (MENDONÇA, 2020, informação verbal). Os laços de amizade entre Martha e Adelaide se iniciaram a partir desse primeiro contato. Depois disso, seus caminhos começaram a se cruzar, quando passou a cursar licenciatura em Matemática na UFBA, terminando o curso em 3 anos e meio, estudando 5 a 6 disciplinas por semestre. Naquele período, ano de 1972, Adelaide ressaltou que das 50 estudantes que entraram no curso, apenas ela e mais 3 alunas conseguiram formar<sup>2</sup>. Logo depois casou-se, e iniciou suas experiências em sala de aula. Começou a lecionar em uma escola de bairro, em seguida no ISBA e, por último, a convite da própria Martha Dantas e por intermédio de Luiz Felipe Perret Serpa<sup>3</sup>, foi convidada para lecionar na Faculdade de Educação da UFBA.

Nesse período possuía apenas 25 anos de idade. Ingressou como professora da mesma Faculdade em 1976, trabalhando com a disciplina Metodologia do Ensino de Matemática. Um ano depois ingressou como aluna no mestrado em Matemática pelo Instituto de Matemática da UFBA. Nesse percurso teve que aprender a administrar a vida acadêmica com a vida pessoal e profissional, uma vez que era casada, mãe de 02 filhas, professora pela Faculdade de Educação e cursava o mestrado. O seu mestrado foi na área de álgebra, tendo como orientador o professor americano David Arneson Hill<sup>4</sup>. Com a chegada da sua 3ª filha, em 1982, não deu continuidade aos estudos para o doutorado, como sugeriu seu orientador. Como já mencionado por alguns autores (BARROSO; MELO, 1975 e TOSI, 1981), ainda nos anos de 1975 e 1981, a presença expressiva de mulheres em cursos universitários científicos, a

<sup>2</sup> Embora tivesse um número tão pequeno de mulheres formadas em matemática pela UFBA, segundo pesquisas apontadas por Dias (2000), constata-se, entre os anos de 1945 e 1968, a expressiva presença de mulheres no corpo discente do curso de Matemática da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia (FF), período que marca a primeira formatura e a Reforma Universitária – quando o curso deixou a FF. O autor constatou no livro de registros de diplomados nesse período que entre os licenciados e bacharelados, 118 no total, 70% eram mulheres e apenas 30% homens. Mais que isso: das 21 formaturas realizadas neste período, em apenas três delas formaram-se mais homens do que mulheres (DIAS, 2000). Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010459702001000600005&lng=pt&tlng=t](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702001000600005&lng=pt&tlng=t). Acessado em: 02 de mai. de 2021.

<sup>3</sup> Luiz Felipe Perret Serpa foi o professor de Física da UFBA e Diretor Executivo do Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA). A relação da professora Adelaide com Serpa iniciou-se ainda na graduação quando foi seu professor e, posteriormente, Adelaide afirmou em entrevista concedida a primeira autora desse artigo que foi professora do seu filho em uma pequena escola particular localizada na Barra, em Salvador-BA.

<sup>4</sup> Possui graduação em bacharelado em Matemática pela University of Chicago (1966), mestrado em Matemática pela University of Oregon (1968) e doutorado em Matemática pela University of Oregon (1970). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/356644/david-arneson-hill>. Acessado em: 03 de mai. de 2021.

exemplo dos cursos da Faculdade de Filosofia (FF) da Bahia, como bem apresentou Dias (2000), não implicou maior participação feminina na atividade científica, pois, na maioria dos casos, essas mulheres seguiram para o magistério do ensino médio. No entanto, a trajetória acadêmica e profissional da professora Adelaide se diferenciava da maioria das mulheres daquele tempo histórico, pois, além de concluir um mestrado, atuava também na universidade como professora.

Por obter uma formação no curso normal, depois na licenciatura em Matemática e posteriormente em um mestrado em Matemática, a professora Adelaide lecionava disciplinas de matemática no curso de bacharelado em Matemática na UFBA e disciplinas no curso de licenciatura em Matemática na mesma instituição. Defendia a ideia de que, para ensinar matemática, é preciso conhecer o objeto matemático, mas também saber como ensinar matemática. O uso das fichas, dos porquês, era uma bandeira que carregava e defendia, juntamente com seus pares.

As fichas e os porquês tornavam ferramentas pedagógicas sobre uma matemática para ensinar, advinda de conhecimentos adquiridos em seu curso de licenciatura em Matemática através da professora Martha Dantas. Há indícios de que os ensinamentos dessa matemática para ensinar era sistematizada e institucionalizada na disciplina de Didática do curso de licenciatura em Matemática da UFBA, tendo em vista que depoimentos de outras ex-alunas de Martha Dantas também apontam essa mesma metodologia de trabalho apresentada nas aulas de Estágio Supervisionado pela mesma professora, conforme lembraram as professoras Olga Maria Barreiro de Assis<sup>5</sup> e Arly Mary Luna Cunha<sup>6</sup>. Essas ex-alunas concluíram o curso de licenciatura em Matemática, sendo uma em momento posterior e outra em um período contemporâneo ao da professora Adelaide.

Portanto, os ensinamentos de Martha Dantas sobre uma matemática para ensinar tornaram-se, para ex-alunas como Adelaide, uma questão defendida por ela quando se tornou professora nos cursos de licenciatura e bacharelado em Matemática da UFBA, passando a ser

---

<sup>5</sup> A professora Olga Maria Barreiro de Assis estudou com a professora Martha Dantas quando realizou o curso de licenciatura curta em Ciências pelo Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (PREMEN), realizado na Faculdade de Educação da UFBA, entre o período de 1974 e 1975 (Entrevista concedida à Ivanise Gomes Arcanjo Diniz em 03 de abr. de 2020).

<sup>6</sup> Estagiou no Colégio de Aplicação da UFBA entre os anos de 1971 e 1972. Foi indicada por Martha Dantas para lecionar no Instituto Social da Bahia (ISBA), assim como Adelaide (Conversa concedida à Ivanise Gomes Arcanjo Diniz pelo Facebook, em 27 de jun. de 2020).

um trabalho defendido, também, nos cursos de formação continuada. A partir de 1985, surgem novos desafios em sua trajetória profissional, como a organização do I EBEM. Com as experiências e anseio de quem teve a oportunidade de conviver com os professores e alunos do curso de bacharelado em Matemática e do curso de licenciatura em Matemática, iniciou sua inquietação sobre ensinar matemática valorizando o conteúdo, mas sem desprender-se do como ensiná-los.

### **Caminhos primeiros sobre o EBEM: Como tudo começou...**

Em 1985, a professora Adelaide participou de um encontro ocorrido no Rio de Janeiro, no qual conheceu, entre os recém-doutores formados na área de matemática e Educação Matemática, Maria Laura Mousinho Leite Lopes<sup>7</sup>. Por ser de Salvador, teve no legado de Martha Dantas a porta de entrada para futuras articulações e ascensões para a área de ensino e aprendizagem de matemática no estado da Bahia naquele período.

Eu [professora Adelaide] fui para um encontro no Rio, um encontro com o pessoal de Maria Laura, pessoal do Grupo de Estudos de Pesquisa em Educação Matemática (GEPEM), e lá eu conheci um grupo que tinha vindo de Guadalajara. Quando eles vieram, esses recém-doutores na área de Educação Matemática, eles vieram com uma ideia de fundar uma associação aqui a nível nacional, então, quando souberam que eu era de Salvador (...), perguntaram se eu conhecia Martha, eu disse que lógico. E eles falaram que estavam com essa ideia (...). Eu dizia: “meu Deus, tem que ter um espaço de discussão, que os professores digam suas dúvidas (...)”. Quando eu vi essa ideia em 1985, ou seja, 12 anos depois [de formada na Universidade], eu achei que era o momento e voltei para Salvador e conversei com Martha. (MENDONÇA, 2020, informação verbal)

Podemos destacar algumas análises sob a narrativa da professora Adelaide. Inicialmente, o prestígio que Martha Dantas tinha entre pesquisadores de outros estados e países e a sua iniciativa de fazer um encontro baiano para que os professores de matemática pudessem dialogar sobre as questões do ensino de matemática, contando com o apoio e a experiência da professora Martha Dantas. A relação entre elas se tornou mais próxima profissionalmente, inclusive na continuidade do legado já trilhado por Martha. A forma encontrada para isso, afirma Adelaide Mendonça, foi

(...) no sentido [de] divulgar o trabalho dela que eu sempre achei que era interessante

<sup>7</sup> Maria Laura Mousinho Leite Lopes é pernambucana e foi a primeira doutora em Matemática brasileira especializada em Educação Matemática. Uma mulher politizada e articulada com a pesquisa na área de matemática. Em 1976, participou da fundação do “Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática – GEPEM” pelo período de 08 (oito) anos.

e tudo. E então, quando surge essa ideia de se juntar e fazer alguma coisa, aí eu volto e digo a ela: olhe, aquela ideia nossa lá de trás de quando eu saí da escola, parece que temos uma chance. Então pronto. Me joguei de cabeça nesse projeto. O que foi isso? A criação de uma sociedade a nível nacional, que é a SBEM. Então eu sou uma pessoa aqui em Salvador que lidero o movimento aqui. Faço a ponte com a organização a nível nacional para o primeiro ENEM, Encontro Nacional. Faço essa ponte, trabalho na base, que é a estruturação legal, discussão de regimento, estatuto, coisa que eu nunca pensei em fazer (...). Quem era minha base? Era o pessoal do Instituto de Matemática. Já tinha identificado quem tinha alguma intenção de trabalhar com ensino da Matemática de uma forma assim, mais voltada para o ensino mesmo. O pessoal da escola técnica, alguns professores já do Estado, já achei Antônio nisso tudo. (MENDONÇA, 2020, informação verbal)

A organização de eventos e o envolvimento em encontros nacionais foram permitindo à professora Adelaide ter mais estímulo e coragem. Junto com outros integrantes do Instituto de Matemática e professores do Estado, com destaque para o Professor Antônio dos Santos Filho, o qual ela referencia por ser um dos professores que iniciou a sua caminhada a partir das formações promovidas pelo Estado, havendo vários ministrantes, dentre eles, a própria professora em questão. A partir dessas formações seus caminhos se cruzaram e o professor Antônio passou a ser um grande parceiro na constituição e organização do I EBEM.

Eu trabalhava com a metodologia e Antônio era o que a gente chama de professor credenciado de estágio. Meu estagiário ia para a sala de aula dele, e ele avaliava comigo. O estagiário estava saindo do curso de licenciatura, então ele já tinha uma relação com os professores do Estado, e que trouxe essas pessoas para esses encontros que a gente vai formando o nosso núcleo. Preparamos o nacional, preparamos o I EBEM, trabalhamos na elaboração do estatuto maior, trabalhamos nos regimentos nossos internos aqui. Então foi isso, esse trabalho se desenvolve de 1986 a 1989 (...), o III EBEM que ele aí já abre para Secretaria de Educação, já tem professor do Estado. Professor do Estado que eu digo é aquele que estava lá na sala de aula mesmo, já sabe que existe, a Secretaria se envolve na época, e a gente faz um grande encontro. (MENDONÇA, 2020, informação verbal)

Desse modo, importante salientar que o primeiro e segundo encontros já possuíam o registro de professores que lecionavam no 1º e 2º graus (hoje ensino fundamental e médio respectivamente), sendo relevante para a articulação dessa participação o professor Antônio, que também trabalhava na rede pública estadual e passou a divulgar o evento. No I e II EBEM, Adelaide salienta que:

(...) foram assim para você conhecer onde você está pisando, quem é quem, o que a gente pode fazer, o que a gente pode juntar, o que a gente pode organizar. E no terceiro [EBEM] a gente joga para a rua mesmo, com mídia, com televisão, essas coisas todas que a gente tinha chance, porque, como elemento da Faculdade de Educação, eu tinha a ponte com a coordenação central de extensão da universidade, que deu muito apoio no evento (...). O projeto foi interdepartamental. Envolvia o Instituto de Matemática, o departamento da Faculdade de Educação. Eu, como professora, apresentei o projeto. Ele foi aprovado, e a gente conseguiu com a coordenação central de extensão o apoio. O que é isso? A TARDE publicou coisa, a televisão chamou para falar o que é o evento. Foi assim, mais ou menos, que a gente trabalhou até 1989. (MENDONÇA, 2020, informação verbal)

A organização do evento EBEM tornava-se para a professora Adelaide investimento e esforço individual e coletivo, atrelado ao enfretamento da angústia e insatisfação acumulada durante seu percurso acadêmico e profissional nas escolas e universidades. As primeiras ações soavam como mudanças no ensino e na formação inicial e continuada do professor de matemática. A este passo, ainda que inseguro, indefinido e sem nenhuma perspectiva sobre qual lugar poderia chegar, já tinha em seu respaldo o apoio da Faculdade de Educação da UFBA, tendo em vista sua notoriedade nas mídias de que dispunham na época, como a televisão e os jornais locais. Podemos perceber, também, o quanto a professora Adelaide tem um olhar crítico e amadurecido sobre o começo de sua história, o que nos propicia pensar que a constituição de uma identidade profissional dialoga continuamente com o passado, presente e futuro.

Notoriamente a caminhada não foi fácil, e isso pôde ser visto na dedicatória escrita em 1987, do livro de autoria de Martha Dantas para Adelaide, intitulado Ensino da Matemática: um processo entre a exposição e a descoberta. Na dedicatória deste livro, Martha deixa a seguinte mensagem para Adelaide: “com meus votos para que não desanime na luta por um ensino melhor da matemática. A colega e amiga, Martha Maria. Salvador, 03/12/1987”. De fato, Adelaide não desanimou.

No mesmo ano coordenou o II EBEM, contribuindo na articulação para a participação das professoras Arlete Cerqueira Lima e Martha Dantas nas conferências e mesas temáticas. Entre os títulos das conferências, destacam-se: Educação Matemática, seu significado e do que se trata; História das Ciências, da Matemática e da Educação Matemática; Geometria, Perspectivas e Enfoques; O Ensino da Matemática no 1º grau. Entre as mesas temáticas, destacam-se os temas sobre a presença da Educação Matemática, que na década de 1980 era uma discussão latente e que vislumbrava como preocupação o porquê e para quem ensinar matemática. Ainda, trazia a discussão sobre a história da matemática e sobre a geometria – em particular a geometria, ainda pouco discutida nos currículos escolares e sumários dos livros didáticos que circulavam no período, pois havia sido esquecida quando se inseriu nos conteúdos de matemática a teoria dos conjuntos, matrizes e probabilidades. Além disso, por possibilitar a experimentação, simetria e translação das figuras com a inserção da geometria das transformações, Geometria sempre foi um conteúdo muito defendido por Martha Dantas nos currículos escolares para a disciplina Matemática.

Outro ponto importante a ser destacado foram os minicursos com a participação de professores de outros estados, como Nilson José Machado, Universidade de São Paulo (USP) – Poliedros e os dedos da mão; Nilza Bertoni, Instituto de Matemática da Universidade de Brasília (IM-UnB) – Interpretações múltiplas da subtração e da divisão nos números naturais; Tânia Maria Mendonça Campos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – Sobre os números complexos; Arlete Cerqueira Lima, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – As lógicas, a Matemática e o cotidiano; e Martha Maria de Souza Dantas – As transformações geométricas e o Ensino de geometria. Esses e outros minicursos atestaram o interesse em abordar discussões e práticas pedagógicas voltadas aos conteúdos do ensino de 1º e 2º graus, tendo uma preocupação acerca do como ensinar, com a metodologia de ensino.

A professora Adelaide, antes dos preparativos para a realização do I EBEM no ano de 1986, era professora de Metodologia do Ensino da Matemática (FACED/UFBA) e havia participado do Seminário Interestadual de Educação Matemática, promovido pelo GEPEM/USU-RJ. Em junho desse mesmo ano, recebeu o convite do professor Antônio José Lopes (Bigode) para integrar a Comissão que tinha como meta a criação, a nível nacional, de uma Sociedade cujo objetivo principal seria a melhoria do Ensino da Matemática, como, também, para participar da organização de um Encontro Nacional que, além de discutir questões relativas a esse ensino, buscava viabilizar a criação dessa Sociedade.

Para integrar essa Comissão e tornar-se representante do nosso Estado em um evento de tal magnitude, precisava identificar que projetos relativos ao Ensino da Matemática já vinham sendo desenvolvidos nas Instituições, apontando os pesquisadores e quais resultados vinham sendo divulgados. Para tanto, realizado o I Encontro Estadual de Educação Matemática (I EEEM), que depois passaria a ser chamado de Encontro Baiano de Educação Matemática (EBEM), uma atividade de extensão, aprovada pelo Departamento de Educação II – FACED/UFBA, trazia representatividade aos professores baianos pelo seu intercâmbio com outras instituições superiores de formação de professores da Bahia, como a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), ainda articulava com pesquisadores de outros estados brasileiros. Sob a coordenação de Adelaide, o I EEEM foi realizado em 7 de novembro de 1986, no PAF-UFBA.

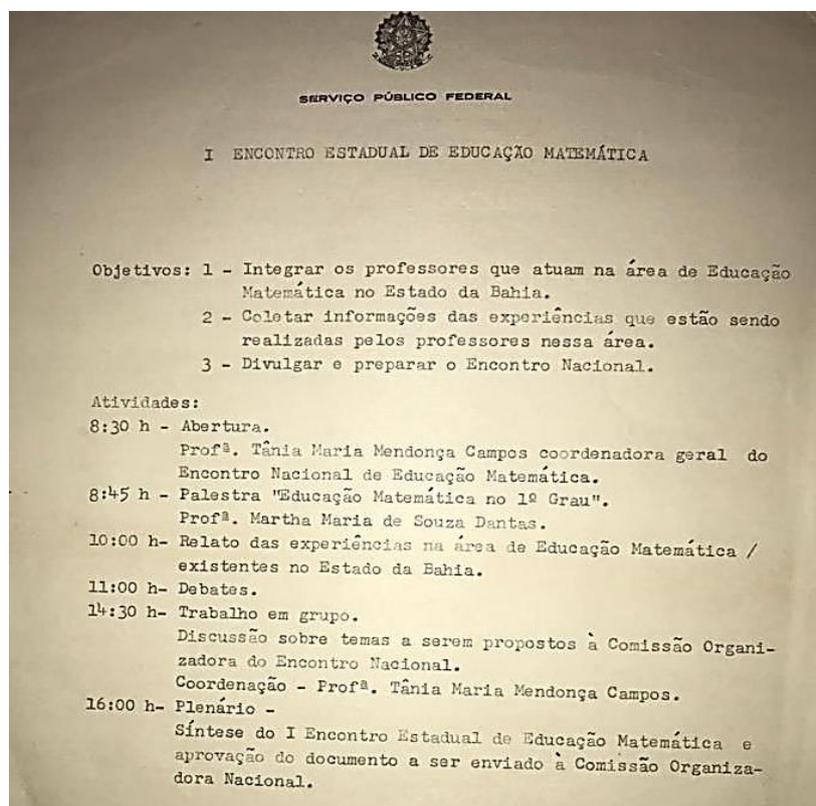
Nesse I EEEM as atividades foram conduzidas por um corpo de mulheres que participaram da abertura, palestra, relatos de experiências na área da Educação Matemática

existentes no estado da Bahia, trabalho de grupo e o encerramento da plenária. Como forma de se aproximar das atividades a serem desenvolvidas na sala de aula do ensino superior de professores que lecionavam em cursos de licenciatura, nas discussões do referido encontro eram estabelecidas ações escolares baianas para implementar o ensino de matemática nos contextos escolares.

Ainda, dos contextos escolares eram estabelecidas aproximações junto às vivências de professores de matemática para serem socializadas nesse encontro. Nesse processo de objetivação, especificamente dos saberes para ensinar, estabeleciam-se vínculos de uma sistematização do ensino de matemática no contexto baiano. Neste mesmo processo, não há indícios da configuração de uma normatização de conteúdos ou ferramentas de ensino que pudesse ter sido incorporada pelos professores participantes desse encontro nos currículos escolares ou das universidades.

A figura 02, abaixo, exhibe os objetivos do I EEEM:

Figura 2: : Objetivos e atividades do I EEEM



Fonte: Acervo pessoal da professora Adelaide Reis Mendonça

Contudo o quantitativo de participantes desse encontro nas palestras, os trabalhos de

grupo e os relatos de experiências nos trazem a hipótese de que, nesse encontro, professores como Martha Dantas, Tânia Maria Mendonça Campos e Adelaide Mendonça traziam em suas ferramentas pedagógicas, apresentadas aos demais professores, a sistematização de um saber para ensinar. Essas ferramentas se configuram na produção de livros didáticos e cursos de formação para professores, a exemplo de Martha Dantas, e na produção de materiais para serem apresentados e trabalhados nos cursos de formação de professores oferecidos pelo Estado da Bahia, a exemplo dos trabalhos desenvolvidos por Adelaide Mendonça. Portanto, a ação do EBEM idealizada por Adelaide, em Salvador, reverbera porque a Bahia estava em expansão com cursos de licenciatura em Matemática e dá luzes às ações promovidas pelos professores baianos no processo de mudanças curriculares no ensino de matemática nos cursos de licenciatura ou nas práticas de ensino escolares, sendo um marco essencial nesse processo histórico.

A abertura desse Encontro foi feita pela Coordenadora do I Encontro Nacional de Educação Matemática, I ENEM, Dra. Tânia Maria Mendonça Campos<sup>8</sup>, da PUC-SP. A seguir, a professora Martha Maria de Souza Dantas proferiu a palestra “Educação Matemática no 1º grau” e os professores presentes fizeram relatos de suas experiências. No ano seguinte ao I EEEM, ainda sob coordenação da professora Tânia, foi elaborado um documento com sugestões de temas, a ser enviado à Comissão Organizadora do I Encontro Nacional de Educação Matemática – I ENEM –, que seria realizado na PUC/SP de 2 a 6 de fevereiro de 1987, onde estiveram presentes muitos professores do estado da Bahia. Neste I ENEM, foram homenageados os professores Martha Dantas e Omar Catunda, em reconhecimento à valiosa contribuição prestada para a melhoria do Ensino da Matemática.

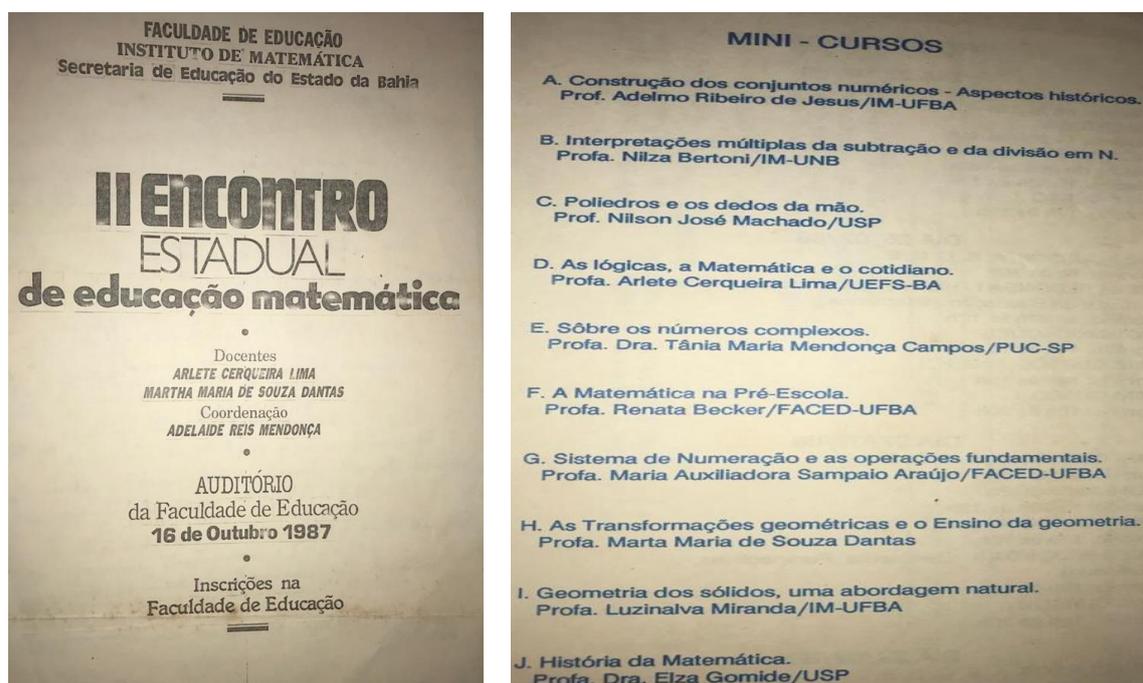
Em sua narrativa, Adelaide ainda rememorou que, por aclamação, na Assembleia Geral dos presentes no I ENEM, foi criada a Sociedade Brasileira de Educação Matemática, da qual ela também fez parte. Nesse mesmo ano, 1987, foi dado seguimento às ações para a realização do II Encontro Estadual de Educação Matemática (EEEM), promovido pela FACED/UFBA, IM/UFBA e Secretaria de Educação do Estado da Bahia, ainda sob a

---

<sup>8</sup> A professora Tânia Maria Mendonça Campos, nesse período, era licenciada e bacharel em Matemática pela PUC/SP (1975) e doutora em Matemática pela Universidade de Ciências de Languedoc (Montpellier – FR, 1979). No período em que foi convidada a fazer a abertura do I Encontro Nacional de Educação Matemática, em 1986, realizava seu Pós-Doutorado pela Universidade de Montpellier, USTL, França, como bolsista do(a): Ministério das Relações Exteriores, MRE, França.

coordenação da Professora Adelaide, sendo uma atividade de extensão aprovada pela Câmara de Extensão da UFBA. O Encontro foi realizado no auditório da FACED em 16/10/1987, tendo como palestrantes as professoras Martha Dantas (FACED/UFBA) e Arlete Cerqueira Lima (IM/UFBA). Os objetivos e atividades, conforme figura 03, foram:

Figura 3: Apresentação, objetivos e programação do II EEEM



Fonte: Acervo pessoal da professora Adelaide Reis Mendonça

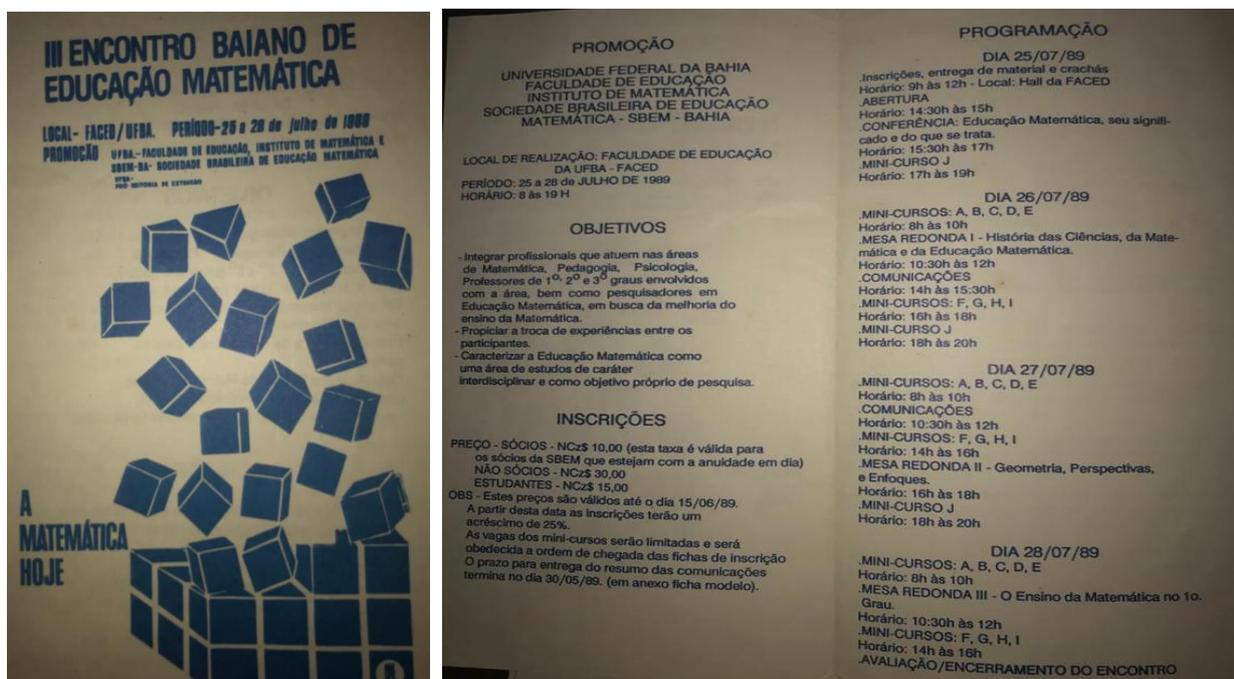
Entre os objetos do II EEEM estava o anseio de caracterizar a Educação Matemática como uma área de estudos de caráter interdisciplinar e como objetivo próprio de pesquisa. Ou seja, a Bahia, nesse movimento do EEEM, também estava presente nas ações dessa luta na representação dos professores de matemática dos cursos de licenciatura e bacharelado da UFBA e dos professores da educação básica, sendo, portanto, um marco importante a ser destacado.

No ano seguinte, de 24 a 29 de janeiro de 1988, ocorre o II ENEM em Maringá/PR, onde a delegação da Bahia se fez presente com um número expressivo de participantes. O Estatuto da SBEM/Bahia teve como suporte consulta aos professores do Estado que já estavam engajados em reuniões sistemáticas realizadas na FACED/UFBA, ocasião em que foi incentivada a participação dos professores da universidade e das escolas no II ENEM. Em 25

de março de 1988 é criada a SBEM/BA, tendo como membros da Diretoria Provisória para o período 1988-1990 a professora Adelaide Reis Mendonça (FACED/UFBA) como Secretária Geral; Maria Helena Lanat (IM/UFBA) como 1ª Secretária; Antônio dos Santos Filho (UCSAL) como 2º Secretário; Eliza Maria Veras da Silva (IM/UFBA) como 3ª Secretária e Renata Becker como 1ª Tesoureira. Essa diretoria, organizada em sua maioria por mulheres, passa a ser representada por integrantes da UFBA e da UCSAL.

A referida Diretoria organiza e realiza, sob a coordenação da professora Adelaide, o III Encontro Baiano de Educação Matemática, III EBEM<sup>9</sup>, atividade de extensão, promovido pela FACED/UFBA, IM/UFBA, Pró-Reitoria de Extensão e pela SBEM-BA, de 25 a 28/07/1989, com o tema “A Matemática Hoje” e os seguintes objetivos: integrar profissionais que atuem nas áreas de matemática, pedagogia, psicologia, professores de 1º, 2º e 3º graus, envolvidos com a área, bem como pesquisadores em Educação Matemática; propiciar a troca de experiências entre os participantes; e caracterizar a Educação Matemática como uma área de estudos de caráter interdisciplinar e como objetivo próprio de pesquisa conforme identificado na figura 04.

Figura 4: Apresentação, objetivos e programação do III EBEM



Fonte: Acervo pessoal da professora Adelaide Reis Mendonça

<sup>9</sup> A partir do III Encontro, o EEEM passa a ser chamado de EBEM, nome que permanece até hoje.

Por ter sido o III EBEM um dos encontros em que se obteve expressiva participação, cerca de 250 participantes, tornou-se um marco histórico, pois, segundo a professora Adelaide, tendo como referência os encontros anteriores, começa a ocupar um espaço de vanguarda, tanto a nível local como a nível nacional. Nesse Encontro, a Conferência de abertura ficou sob a responsabilidade da professora Nilza Bertoni (IM/UNB), com o título “Educação Matemática, seu significado e do que se trata”. A programação contou com 3 mesas-redondas, 10 minicursos e muitos relatos de experiências.

Entre outros participantes que compuseram as mesas e os minicursos, destacam-se professores vinculados a outras instituições, a nível nacional, como a Profa. Dra. Elza Gomide (USP), a Profa. Maria Laura Mouzinho Lopes (GEPEM/RJ), o Prof. Nilson José Machado (USP), a Profa. Dra. Tânia Maria Mendonça Campos (PUC/SP), e outros. A nível local, os professores Adelmo Ribeiro de Jesus (IM/UFBA), Arlete Cerqueira Lima (UEFS/BA), Luzinalva Miranda (IM/UFBA), Maria Auxiliadora Sampaio Araújo (FACED/UFBA), Martha Dantas (FACED/UFBA), Renata Becker (FACED/UFBA), entre outros.

A foto abaixo, identificada na figura 05, registra a cerimônia de abertura do III EBEM, no auditório Raul Chaves, Faculdade de Direito, dia 25/07/1989, publicada no jornal A TARDE, na ocasião.

Figura 5: Mesa de abertura do III EBEM



Fonte: Acervo pessoal da professora Adelaide Reis Mendonça

Da esquerda para a direita, as professoras Nilza Bertoni, Tâmara Maria Pena A. Marques (UEFS), Mary Arapiraca (Chefe do Depto. II/FACED), Adelaide Reis Mendonça (Coordenadora do III EBEM), Lucila Rupp de Magalhães (Diretora da FACED/UFBA), Maria Laura Mouzinho Leite Lopes e Arlete Cerqueira Lima.

Outra ação desenvolvida por essa Diretoria foi a elaboração do Regimento da SBEM-BA, aprovado em 19/12/1990, por aclamação, em sessão realizada na FACED/UFBA, concretizando, assim, a fundação da SBEM-BA, constituindo-se entidade jurídica, cujos registros em cartório agradecemos ao professor Antônio dos Santos Filho.

Nessa sessão, também, foi eleita a primeira Diretoria da SBEM-BA (1990-1993), constituída por: Secretária Geral: Adelaide Reis Mendonça (FACED/UFBA); 1º Secretário: Antônio dos Santos Filho (UCSAL); 2ª Secretária: Elda Vieira Tramm (FACED/UFBA); 3ª Secretária: Virgínia Lúcia Ferreira de Jesus (IM/UFBA); 4ª Secretária: Vera Lúcia Cunha Passos (Escola Técnica Federal); 1ª Tesoureira: Olga Maria Barreiro Claro (Escola Tereza de Lisieux); e 2ª Tesoureira: Arly Mary de Oliveira Luna (UEFS).

A composição dessa Diretoria buscou integrar várias instituições: UFBA, UCSAL, UEFS, ETFBA, Escola Tereza de Lisieux (escola particular), no intuito de promover uma representatividade com maior abrangência para que o projeto de criação da SBEM-BA se efetivasse, de fato, seguindo como uma ação configurada a partir dos desdobramentos das realizações dos últimos EBEM.

Para tanto, essa diretoria organiza o IV EBEM, na FACED/UFBA, de 05 a 09/08/1991, promovido pela FACED/IM (UFBA), SBEM-BA, Pró-Reitoria de Extensão/UFBA (atividade de extensão), com o tema “A Matemática Hoje”, sob a coordenação da professora Elda Tramm. A continuidade dessa história será abordada em outro momento, considerando as limitações de espaço que temos para tratar sobre os demais EBEM ocorridos na Bahia. Por esta questão, as discussões dispensadas ao IV EBEM serão tratadas em um próximo artigo.

A experiência de revisitar o passado oportunizou à professora Adelaide a transcrição do seu memorial abordando suas experiências coletivas e suas vivências pessoais. Dentre as várias formas de revisitar este passado, destacamos a realização de uma entrevista que nos trouxe a compreensão sobre o que era discutido em um período e espaço acadêmico constituído por professores universitários, sendo o foco o olhar para formar e atualizar

professores que iriam atuar ou já atuavam no contexto escolar.

No caso específico da trajetória profissional e pessoal da professora Adelaide, ao estabelecer relações entre suas experiências bem-sucedidas, alinhadas a um passado que necessitava de explicações contextualizadas, podemos analisar como a constituição da realização do que seria o EBEM trouxe luzes para destacar a importância de um projeto coletivo que se destacou e ainda se destaca, pois continua ativo e seguindo a sua realização a cada 02 anos, por conta das experiências compartilhadas, das ações capazes de identificar os compromissos, continuidades e possíveis conflitos, estabelecendo um movimento de formação inacabada que se constituiu na formação de práticas escolares.

Vale ressaltar que o EBEM ocorreu em um momento de instabilidade política e de transformações no âmbito da economia, com o avanço da urbanização e desaceleramento dos movimentos de industrialização. Era um período em que se instituía a queda do regime militar autoritário, um momento de mudanças educacionais e curriculares, principalmente no âmbito da matemática, em que a Matemática Moderna dava espaço aos novos anseios para melhor entendimento do ensino e aprendizagem no campo educacional e comercial.

Dos muitos professores que fizeram parte desse processo de construção de ensino, importa destacar, na narrativa da professora Adelaide, que muitos destes percorreram longas distâncias e faziam diversas perguntas, apresentando questões e dificuldades de um cotidiano escolar. Ainda, aquele era um momento propício à voz das experiências educativas, oportunizando a inclusão da leitura de mundo, tendo como base a leitura das palavras, como diria Paulo Freire, num ambiente favorável entre a transição educacional e a pedagogia discutida nos conteúdos de matemática.

### **Algumas considerações**

A trajetória da professora Adelaide tem em seu marco a conclusão de um curso de graduação em Matemática, tendo como professora da disciplina de Didática Martha Dantas, bem como a concretização de um curso de mestrado na área de matemática no período da década de 1970. Sobre ter sido aluna de Martha Dantas, chamamos a atenção sobre o que Dias (2011) reforça acerca da segunda geração, da qual fez parte a professora Adelaide, formada nos anos 1960 e 1970, que seguia os passos e exemplos daquela equipe composta por Martha

Dantas, que já estava em processo de aposentaria.

Desse modo, a professora Adelaide atuou nas disciplinas de Metodologia na área de licenciatura em Matemática e disciplinas específicas da matemática no curso de bacharelado em Matemática. Portanto, podia descrever com propriedade as tensões e discussões entre a matemática a ser apresentada em ambos os cursos, como aluna e como professora. Além dos saberes adquiridos, também dispunha, em grande medida, do interesse em trazer melhorias para o ensino de aprendizagem matemática.

Rastros desse desejo já se tornavam uma característica marcante daquele que teve em seus mestres símbolos de representatividade. As tantas formações para professores do interior e da capital, algumas delas organizadas pela SEC da Bahia, bem como a organização do I EBEM já poderiam lhe atribuir as práticas pedagógicas adquiridas pelas respectivas formações profissionais adquiridas, mas também a troca de experiências advindas dos professores que compunham o corpo docente e discente de participantes.

Os rumos do EBEM se ampliam para abordar resultados de práticas de sala de aula, mas também resultados de pesquisas de mestrado e doutorado. Com o crescimento do número de professores formados em cursos de pós-graduação na Bahia, esses espaços passaram a ter um número cada vez maior de professores interessados em participar, trocar experiências, vivências, ambiente de pesquisa e aprimoramento de seus conhecimentos de modo a transformar os espaços em que atuam nos diferentes níveis de ensino. Por fim, concluímos dizendo que os bons espelhos são fundamentais para a compreensão de escolhas que definem um percurso profissional.

## Referências

BERTANI, Januária Araújo. *Formação de professores de Matemática: um estudo histórico comparativo entre a Bahia e Portugal (1941-1968)*. 2011. 213 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2011.

BRAGA, M. N. S.. *O Programa de Treinamento e Aperfeiçoamento de Professores de Ciências Experimentais e Matemática – PROTAP (1969-1974): sua contribuição para a modernização do ensino de matemática*. 2012. 94f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2012.

CATUNDA, O. *et al. As transformações geométricas e o ensino da geometria*. Salvador: Centro Editora e didática da UFBA, 1988.



- CATUNDA, O. *et al.* *Ensino Atualizado de Matemática*. São Paulo: EDART, 1975.
- DANTAS *et al.* *Ensino atualizado da matemática: curso ginásial*. 2. ed. São Paulo: EDART, 1971. v. 1-4.
- DANTAS, M. M. de S. *et al.* *Matemática 7*. Salvador: FATOR, 1990.
- DIAS, A. L. M. História da matemática na Bahia: uma curiosidade?. *Sitientibus - Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana*, Feira de Santana, n. 23, p. 59-88, 2000.
- DIAS, A. L. M. Uma História da Educação Matemática na Bahia. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo*, julho 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300909600\\_ARQUIVO\\_ALMD.EducacaomatematicaBahia\\_revisado.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300909600_ARQUIVO_ALMD.EducacaomatematicaBahia_revisado.pdf). Acessado em: 19 de mai. 2022.
- DINIZ, I. A. G.. *História dos cursos técnicos dos Centros Integrados de Educação na Bahia: matemática, saberes e práticas docentes (1970 – 1982)*. 2021. 205f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História da Ciência) - Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2021.
- DINIZ, I. A. G.. *O ensino de matemática nos cursos técnicos do Centro Integrado Luiz Navarro de Brito em Alagoinhas-BA (1968-1979)*. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História da Ciência) - Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2014.
- FERNANDES, D. N. *Sobre a formação do professor de matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível*. Rio Claro, 2011. 388f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.
- FERREIRA, J. L.. *O carvalho para a sombra e os frutos do amanhã: matemática, professores e atividades escolares no Ginásio Mairi (1966-1985)*. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2013.
- FERREIRA, J. L.. *Fios, retalhos e pontos: tecituras sobre a profissionalização docente em matemática em Feira de Santana (1970-1991)*. Salvador, 2017. 172f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2017.
- FREIRE, I. A. A.. *Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969)*. 2009, 102 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, BA: 2009.
- GOMES, L. P. S. Entre a exposição e a descoberta: contribuições de Martha Dantas para o ensino de Matemática nas escolas. *Ciência & Educação*, 2016, p. 741-755.
- GOMES, L. P. S.; MIORIM, M. A. Práticas Escolares de Matemática no Instituto Nossa Senhora da Piedade em Ilhéus: desafios para a educadora baiana Martha Dantas. *BOLEMA*, 29, 2015, 867-886.



LANDO, J. C.. *Práticas, inovações, experimentações e competências pedagógicas das professoras de matemática no Colégio de Aplicação da Universidade da Bahia (1949-1976)*. 2012. 307f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2012.

MENDONÇA, Adelaide Reis. *Entrevista concedida à Ivanise Gomes Arcanjo Diniz*. [mensagem pessoal]. Entrevista realizada por gravação de áudio através do *WhatsApp* em 02 de abr. de 2020.

PINHEIRO, M. M. L.. *As classes experimentais de matemática e a difusão da experimentação pedagógica na Bahia durante as décadas de 1960 e 1970*. Salvador, 2017. 119f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2017.

RAMOS, M. M. L. P.. *Modernização da matemática na Bahia: a experiência com classes-piloto no Colégio Estadual da Bahia – Central (1966-1969)*. 2012. 156f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2012.

REALES, L.; CONFORTIN, R. de S. *Introdução aos estudos da narrativa*. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008, p.106.

RIOS, D. F.. *Memórias de ex-alunos do Colégio da Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino da matemática moderna: a construção de uma instituição modernizadora*. 2012. 504 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2012.

SANTANA, I. P.. *A trajetória e a contribuição dos professores de matemática para a modernização da matemática nas escolas de Vitória da Conquista e Tanquinho (1960-1970)*. 2011. 115f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2011.

SILVA, M. C. L. da; CAMARGO, K. C. Martha Dantas: o ensino da geometria na Bahia. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 8, n. 25, 2008, p. 701-714.